«Êle e o Rabisco» e o cinema de animação

Julio Heilbron

A história do filme de animação, com bonecos e cenários de três dimensões, remonta ao **atelier** da Vitagraph, em Nova York, quando, em 1907, um técnico desconhecido inventa o processo **tour de manivelle,** graças ao qual pode-se tomar vistas imagem por imagem.

Foi no filme «L'Hôtel Anté», de Stuart Blackton, que o público pôde ver, pela primeira vêz, uma faca movimentar-se sòzinha e cortar uma salchicha. Stuart Blackton, graças à tomada de imagem por imagem, mostrou, também, uma caneta escrevendo sem que ninguém a movimentasse **(The Magic Pen,** 1907) e figuras desenhadas em movimento **(Humorous Phases of a Funny Face,** 1907) abrindo, dessa maneira, o caminho a todos os gêneros do «cinema de animação».

O primeiro filme totalmente com bonecos animados, «Le Tout Petit Faust», dirigido pelo Émile Cohl (antigo diretor de trucagens da Cia. Gaumont), tinha 125 metros e foi apresentado em Paris a 16 de junho de 1910. Desde então destacaram-se cineastas como Ladislas Starevitch, Jean Painlevé, René Bertrand, George Pal, Jiri Trnka e outros.

O filme de animação é aquêle em que a tomada de vistas é realizada imagem por imagem e para o qual a câmera só serve como aparelho fotográfico automático e não como um instrumento de análise do movimento.

O movimento das **marionetes** de cinema não é dado por nenhum meio mecânico ou físico (fios invisíveis ou alavancas). Sob os costumes dos bonecos encontra-se um esqueleto articulado, idêntico aos dos manequins utilizados pelos desenhistas. Cada articulação permite imobilisar os diferentes membros na posição requerida, enquanto a cinegrafia, imagem por imagem, vai fixando, com fotografias sucessivas, as diferentes atitudes consecutivas determinadas pelo animador. Antes de registrar cada imagem, o animador modifica ligeiramente a posição do boneco, e pouco a pouco vai levando-o à posição final escolhida.

A diferença fundamental entre as **marionetes de cinema** e o desenho animado consiste em que, no último, as imagens que representam a análise do movimento se apresentam em forma de documentos duráveis: papel **canson** ou gelatina, com desenhos que podem ser fotografados tantas vêzes quantas sejam necessárias, em condições rigosamente idênticas. Na animação de **marionetes,** essas imagens não são mais do que uma posição efêmera, dada ao boneco pelo animador, ùnicamente durante o tempo necessário para ser fotografada, posição que é irremediàvelmente destruida por aquela que se necessita para o registro seguinte. Isso significa que a animação dos bonecos efetua-se no mesmo momento do registro, não ficando nenhuma marca visível durante a operação: o animador deve possuir grande intuição e uma delicadeza especial nos dedos para conseguir um deslocamento determinado dos bonecos e materializar as modificações justas nos lugares necessários, assegurando uma continuidade harmoniosa.

Sem lembrar as **marionetes** teatrais as de cinema podem ir muito longe na estilização caricatural dos personagens. Na determinação de sua personalidade não intervêm sòmente a sua aparência plástica, a qualidade dos seus movimentos, mas também as proporções irrealistas dos elementos que a constituem e que devem ser determinadas para acentuar o seu caráter. O trabalho de animação pode dar aos movimentos dos bonecos a precisão plástica de uma pantomina prodigiosamente controlada.

«Êle e o Rabisco», primeira **short-story** brasileira em côres, com bonecos animados, é um filme experimental produzido pelo INCE, sôbre a educação infantil, e mostra às crianças a sua responsabilidade em relação à sociedade e às propriedades públicas.

Filmado em 35 mm, em 18 diferentes cenários, teve cenas com mais de 20 bonecos em movimento simultâneo. A fotografia, acentua, com sombras e reflexos, nas cenas normais, a matéria e a tridimensionalidade dos cenários; nas cenas de sonho, com efeitos de névoa e luz de estrêla, procura, dentro do ritmo alegre escolhido, dar um toque fantástico.

Equipe de «Êle e o Rabisco» — Direção: Flora Castaño Ferreira. Produção e edição: Julio Heilbron. Direção de fotografia: Alexander Orban. Cenografia: João C. Ferreira. Bonecos: Eleonora C. Ferreira. Animação: José Artur C. Ferreira. Narração: Italo Rossi. Apresentação: Millôr Fernandes. Música: Ugo Marotta.